

## **O mundo do futebol e suas (des)lições (PASQUALE CIPRO NETO)**

**NELSON RODRIGUES** dizia que o futebol é a coisa mais importante entre as menos importantes. Concordo, mas, parodiando o grande L. Babo, eu teria um desgosto profundo se faltasse o futebol no mundo.

Para mim, o futebol é beleza, estratégia, magia. Como torço para o Juventus, ou seja, para ninguém, fico livre para ver o que me interessa nos jogos: o talento e a capacidade dos atletas de articular as jogadas e de seguir a estratégia estabelecida.

Beleza e talento à parte, o futebol é também território de hipocrisia e de pouca inteligência. Quer coisa mais burra que a suspensão automática, imposta a um jogador que é expulso? Só no futebol alguém é culpado até que se prove o contrário... O árbitro acha que um atleta simulou uma falta (que houve), não marca a tal falta e dá ao jogador cartão amarelo - ou vermelho, se ele já tiver levado o amarelo. Depois do jogo, as imagens mostram à exaustão que o árbitro errou, mas a burra "regra" se mantém: o jogador está fora do jogo seguinte. O futebol é mesmo "burro, muito burro demais".

O pior é ter de ler/ouvir a defesa da suspensão automática, sob o argumento de que, "se ela não existir, vira bagunça". Tão ruim quanto essa "tese" é a de que condenar a suspensão automática é defender a impunidade. Condenar a suspensão automática é simplesmente condenar a impossibilidade de defesa, é condenar a condenação prévia, é condenar a pressuposição de culpa do atleta e a infalibilidade do árbitro. Só isso, nada mais do que isso.

O exemplo da suspensão automática é pretexto para um assunto "mais alto": a capacidade de leitura, de interpretação (dos fatos, dos textos, do mundo). Quem entende, por exemplo, que a condenação da suspensão automática equivale à defesa da impunidade demonstra incapacidade de ler um texto e/ou fértil capacidade de tirar conclusões absurdas do que se diz/escreve. Paulo Freire dizia que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. O futebol e suas belezas e mazelas estão no mundo, portanto...

Outro raciocínio genial que ouvimos no futebol é este: "Se o juiz dá aquele pênalti, era um a zero pra nós". Diz-se isso onde quer que haja uma partida de futebol e, muitas vezes, também no rádio ou na TV.

Santo Deus! Será que ninguém é capaz de pensar que a consecutividade dos fatos gera entre eles uma relação tal que impede que se afirme que, "se o juiz dá aquele pênalti..."? É simples: o árbitro não marcou o tal pênalti; se o tivesse marcado, nada do que aconteceu depois do lance teria acontecido, porque a sequência seria outra, de modo que é simplesmente impossível afirmar qual teria sido o placar do jogo. Há outra aberração na tal afirmação ("Se o juiz dá aquele pênalti..."): por acaso pênalti é sinônimo de gol?

Na semana passada, houve mais "lições". Terminado o jogo em que o Once Caldas eliminou o Cruzeiro da Libertadores, foi um tal de ouvir esta ladainha: "O time de pior campanha da primeira fase eliminou o de melhor campanha". Elaiá! Como se pode dizer que a campanha do Cruzeiro, que na fase anterior estava no grupo X e, por isso, só enfrentou os times do grupo X, é melhor do que a do Once Caldas, que estava no grupo Y e, por isso, só enfrentou os times do grupo Y? A campanha do Cruzeiro só foi melhor que a dos integrantes do seu grupo, caro leitor.

Não se pode absolutizar o que é relativo, do contrário tudo pode dar errado: projetam-se pontes e prédios que caem, matam-se pacientes porque não se levam em conta os efeitos colaterais que determinados medicamentos podem provocar, tomam-se decisões que não seriam tomadas, arruinam-se relações que poderiam ter outro rumo. É isso.

[inculta@uol.com.br](mailto:inculta@uol.com.br) - Folha de São Paulo, maio de 2011.

## **Saia justa (FERREIRA GULLAR)**

**APÓS OS** atentados de 11 de Setembro de 2001, a eliminação de Osama bin Laden tornou-se uma questão de honra para o presidente dos Estados Unidos, fosse ele quem fosse. É evidente que a inusitada audácia do terrorista, ao alvejar pontos de alta significação simbólica do poder norte-americano, atingiu o orgulho e a segurança da nação, sem falar no massacre de milhares de inocentes. Se se leva em conta que, depois disso, Bin Laden aparecia com certa frequência na televisão do país formulando novas ameaças, o resultado inevitável era, no povo, o pavor de que, a qualquer momento e em qualquer lugar, o terror o atingisse de novo e, no presidente, a necessidade de por fim àquilo, ou seja, devolver ao país, a qualquer preço, a tranquilidade e a autoestima.

Conseguir-lo era uma missão irrevogável e o tornaria o salvador da pátria. Bush, apesar de todo o empenho, não o conseguiu. Obama, ao ser informado de que o esconderijo do inimigo número um da nação fora descoberto, não hesitou, diante da oportunidade que a história lhe oferecia. A informação de que Bin Laden fora localizado era uma possibilidade, mas não uma certeza. No entanto, qualquer que fosse o risco a

correr, desistir estava fora de cogitação.

Por isso, o passo seguinte foi assegurar o modo de chegar até a casa-fortaleza e cumprir a missão. Pensaram em simplesmente lançar um foguete sobre o esconderijo e destruí-lo. Isso não apenas mataria indiscriminadamente quem ali estivesse, como tornaria difícil comprovar que Osama bin Laden fora eliminado. Venceu a proposta de invadir a casa.

Isso posto, passou-se aos meios de que se valeriam e à discussão de um problema político: deviam realizar uma ação militar em território do Paquistão sem a permissão de seu governo?

Obama diria, mais tarde, ao anunciar o fato, que obtivera a permissão do governo paquistanês, o que depois foi negado. De qualquer modo, jamais revelaria o objetivo de tal missão, que não revelou nem para sua mulher.

A possibilidade de vazamento de tão decisiva tarefa aconselhava total sigilo. Se tal possibilidade está presente em toda e qualquer circunstância, ninguém em sã consciência se arriscaria a confiar no governo paquistanês, infiltrado de aliados da Al Qaeda. Bastava o fato de que Bin Laden ali se instalara e vivia, sem ser incomodado, nas vizinhanças de um quartel do Exército e a poucos quilômetros da capital do país.

Quem quer que tivesse por missão dar fim a Bin Laden jamais revelaria qualquer coisa às autoridades do Paquistão. Assim fizeram os norte-americanos e atingiram seu objetivo. Foi, na verdade, um ajuste de contas, porque o terrorismo de Al Qaeda nunca significou uma possibilidade de mudança no equilíbrio de poder no mundo, uma vez que se trata muito mais de uma seita de fanáticos, movidos pelo propósito de impor à humanidade uma visão fundamentalista do islamismo.

Sem base territorial, sem Exército, tudo o que pode fazer é tramar e executar atentados contra o "inimigo": os países capitalistas ocidentais e, especialmente, o mais poderoso deles, os Estados Unidos.

Falando à Globonews, o jornalista inglês Robert Fisk, que entrevistara Bin Laden três vezes, antes e depois do 11 de Setembro, nos deu uma imagem bastante verossímil dele: vaidoso, convencido da missão de impor ao mundo a vontade de Maomé, atribuía-se o feito de ter destruído a União Soviética e a certeza de que faria o mesmo com o império norte-americano.

Vivendo desligado do que se passava no mundo, não se dava conta da complexidade da realidade internacional, chegando a afirmar que em breve haveria uma revolta do povo americano que acabaria com o regime capitalista nos Estados Unidos.

Para que isso acontecesse, bastaria consumir os atentados que planejava. Não se dava conta de que os golpes eventuais do terrorismo, por mais audaciosos que fossem, não teriam a capacidade de alterar a correlação de forças econômica, política e militar em escala mundial.

A conclusão inevitável a que se chega é que a morte de Bin Laden tem limitadas consequências práticas, como, aliás, o próprio terrorismo, particularmente agora, quando os povos árabes se levantam clamando por democracia.

**Folha de São Paulo, maio de 2011.**

## **A pobreza e a cor da pobreza (LUIZA BAIROS)**

**EM "LEITE DERRAMADO"**, mais recente romance de Chico Buarque, há um personagem que, ao se referir com ironia ao radicalismo de seu avô abolicionista, afirma que ele "queria mandar todos os pretos brasileiros de volta para a África".

Nessa visão, abolicionismo radical equivalia a se livrar dos negros. De todo modo, após 1888, as elites brasileiras irão se comportar como se os libertos, que as serviram por quase quatro séculos, não estivessem mais aqui. Mas estavam, e por sua própria conta. No início do século 20, eram frequentes os prognósticos sobre o desaparecimento da população negra, que supostamente não sobreviveria ao século.

Ao mesmo tempo em que se criticavam as soluções de laboratório defendidas pelo ideário eugenista, em voga aqui e em muitos países, também se apostava no embranquecimento via miscigenação. Mais tarde, ao se debruçar sobre os resultados do Censo de 1940, Guerreiro Ramos considerou "patológico" o desequilíbrio nas respostas ao quesito cor, tendentes, em sua esmagadora maioria, a sobrevalorizar a cor branca.

Na contramão dessa tendência, os dados censitários de 2010, há pouco divulgados, confirmam o que já se delineava no Censo de 2001: iniciativas de valorização da identidade, com origem nos movimentos negros e hoje em processo de institucionalização, asseguraram a maioria negra em uma população que ultrapassa 190 milhões de brasileiros. Nesse longo percurso de afirmação, as mudanças não se limitaram a uma percepção de si mais positiva, exclusiva dos afro-brasileiros.

A consciência negra avançou em conexão íntima com a consciência social como um todo. Não se trata, portanto, da mera substituição de um segmento populacional dominante por outro, mas do reconhecimento de que os valores do pluralismo ajudam em muito a consolidar nosso processo democrático. Contudo, ainda persistem dificuldades a serem enfrentadas.

Hoje, temos uma sólida base de dados, que mostra reiteradamente que mulheres e homens negros estão entre os brasileiros mais vulneráveis, numa proporção muito maior do que sua presença relativa na população total.

Por isso, a priorização da erradicação da pobreza extrema pelo governo da presidenta Dilma abre possibilidades inéditas de abordar rica e diversificada experiência humana, que ainda precisa ser considerada em toda a sua amplitude.

O sucesso das iniciativas de combate à pobreza extrema requer a reversão de imagens negativas, a superação de práticas discriminatórias e o redimensionamento dos valores de cultura e civilização que, afinal, contra todas as expectativas, garantiram a continuidade dos descendentes de africanos no país. Quando o assunto é superação da pobreza extrema, é justo supor que os negros tenham algo a dizer.

Segmentos empobrecidos de outros grupos raciais também o terão, é certo. Mas os negros têm a oferecer suas estratégias de resistência ao racismo, que, desde o período colonial, interpôs obstáculos ideológicos e culturais à afirmação plena de sua humanidade - a base das desigualdades de renda e de oportunidades que ainda vivenciam.

Assim, no atendimento a direitos básicos que articulam renda, acesso a serviços e inclusão produtiva, é preciso tornar visíveis e valorizar dimensões da pessoa e do universo afro-brasileiro que desempenham papel decisivo na conquista da autonomia. Todos somos humanos, e a resistência aos processos desumanizadores do racismo é, de longe, a maior contribuição dos negros à cultura brasileira.

---

**LUIZA BAIROS** é ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República. **Folha de São Paulo, maio de 2011.**

## **Evangélicos tentam no Congresso limitar direitos dos gays**

**Bancada formada por religiosos afirma que STF feriu a Constituição ao reconhecer união civil homossexual**

**Após protestos do grupo, comissão do Senado adiou votação de texto que criminaliza a prática da homofobia**

**GABRIELA GUERREIRO E LARISSA GUIMARÃES - DE BRASÍLIA (Folha de São Paulo, maio de 2011)**

Numa ofensiva contra a decisão do Supremo Tribunal Federal de reconhecer a união civil entre homossexuais, a bancada evangélica do Congresso se articula para aprovar propostas que limitam os direitos dos gays.

Ontem, após protestos dos evangélicos, a Comissão de Direitos Humanos do Senado adiou a votação do projeto que criminaliza a homofobia. Os religiosos argumentam que a decisão do STF fere a Constituição, que reconhece a união civil homem-mulher.

Vice-presidente da Frente Parlamentar Evangélica, o deputado Anthony Garotinho (PR-RJ) disse que o grupo pretende apresentar projeto de decreto legislativo para anular a decisão do Supremo.

"Pelo texto, o Legislativo poderá sustar atos normativos do Judiciário quando for verificada sua incontestável inconstitucionalidade", afirmou Garotinho. Os evangélicos ainda querem apresentar projeto que sugere plebiscito a respeito. Advogados constitucionalistas afirmam que, mesmo com novas iniciativas do Congresso, a decisão do Supremo não pode ser anulada.

"O STF entendeu que a discriminação contra uniões homoafetivas viola cláusulas pétreas da Constituição", diz o advogado Eduardo Mendonça. "Se a decisão [do STF] for fundada em cláusulas pétreas, como os direitos e as garantias individuais, a alteração é impossível", afirma o advogado Cláudio de Souza.

Organizador de uma marcha contra a criminalização da homofobia, o pastor Silas Malafaia diz que tem contado com "o apoio e o entusiasmo" de diversos deputados e senadores para o evento, marcado para 1º de junho, em frente ao Congresso. "É também uma resposta à decisão do STF. Temos de reagir", argumentou. Para o militante gay Toni Reis, as iniciativas religiosas não vão "prosperar" no Congresso. "É um grupo pequeno, ninguém vai embarcar."

### **TUMULTO**

O deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ) e a senadora Marinor Brito (PSOL-PA) trocaram insultos no Senado após o adiamento da votação do projeto contra a homofobia. Relatora do projeto, a senadora Marta Suplicy (PT-SP) concedia entrevista a emissoras de TV quando Bolsonaro se postou atrás da petista com panfletos "antigays" nas mãos, junto a outros deputados. Aos gritos, Marinor tentou tirar o grupo.

Ela entrou com representação contra o deputado na Procuradoria do Senado.

A comissão adiou a votação do projeto a pedido de Marta, que quer buscar consenso. Os evangélicos são

contra o projeto por temer que pastores possam ser punidos se condenarem a homossexualidade nas pregações. Marta disse que vai incluir um artigo que protegerá os cultos da criminalização.

## **A Federação brasileira comporta novos Estados? NÃO**

### **Territórios seriam menos danosos (CLÁUDIO GONÇALVES COUTO)**

**A POSSÍVEL CRIAÇÃO DE TRÊS NOVOS ESTADOS** na Federação, a partir da divisão do Pará, não é um assunto que interesse apenas aos (por enquanto) paraenses.

Trata-se de questão do máximo interesse de toda a população brasileira, pois a divisão de unidades federativas traz implicações não somente para as populações que nelas vivem, mas para o país como um todo. As razões são tanto de natureza política como econômica, pois, se tal divisão vier a ocorrer, todos os demais Estados serão prejudicados política e economicamente.

O prejuízo econômico adviria dos inevitáveis custos que a criação de novos Estados acarretaria.

Segundo cálculos feitos por Rogério Boueri, economista do Ipea, o custeio das duas novas unidades federativas custaria anualmente, já de saída, no mínimo R\$ 2,2 bilhões para Tapajós e R\$ 2,9 bilhões para Carajás. Como suas arrecadações não seriam suficientes para cobrir tal custo, a União teria de repassar-lhes R\$ 2,16 bilhões, todos os anos.

Sem contar ainda os custos de investimento, já que diversas obras públicas de infraestrutura teriam de ser feitas, desde a construção dos edifícios governamentais até a base de transportes.

A esses custos "locais" devem-se acrescentar os gastos dos novos Estados fora de seus territórios, com seus novos deputados e senadores, assim como seu respectivo espaço físico e funcionários. Já o prejuízo político adviria do aumento do desequilíbrio de representação no Congresso Nacional. Hoje o Pará conta com 17 deputados federais e três senadores; com a divisão, passariam a 24 deputados e nove senadores.

A região Norte do país, hoje já bastante super-representada, ficaria ainda mais, e o valor relativo dos eleitores viventes em outras unidades federativas, mais populosas, tornar-se-ia ainda mais diminuto.

Haveria também o problema de definir como absorver os novos membros no Congresso, pois, embora o mais provável seja aumentar o número de cadeiras, alguns defendem a diminuição da representação de alguns Estados. Aí a situação se tornaria ainda pior quanto à equidade representativa. Certamente, a população do Pará que vive nas regiões a serem divididas tem seus motivos para defender a divisão, assim como o têm (ainda mais) as elites políticas patrocinadoras da consulta.

Cidadãos dos virtuais Estados de Tapajós e de Carajás queixam-se que sua distância com relação à capital do Estado é causa da desatenção do poder público estadual a seus reclamos e necessidades.

Para muitos que vivem em Tapajós, por exemplo, as relações são mais estreitas com Manaus que com Belém - o que dá boa indicação do tamanho do problema.

A questão é saber se a criação de novos Estados é a única saída possível. Uma solução que tem sido diligentemente ignorada em casos como estes é a de dividir Estados existentes não para criar Estados novos, mas territórios federais - uma entidade territorial prevista constitucionalmente, mas que tem sido mera figura de ficção legal.

A Carta Magna prevê a criação de territórios como algo possível a partir do desmembramento de Estados. Os territórios seriam parte da União, mas poderiam futuramente ser reintegrados a seus Estados de origem, se as condições políticas se tornarem favoráveis a isso.

Essa saída, contudo, não tem interessado às elites políticas locais, pois diminui o tamanho de seu botim: em vez de oito novos deputados por novo ente, seriam apenas quatro; não haveria senadores; o governador seria indicado pelo governo federal e responsável perante ele. E, claro, os custos seriam muito menores, além de não se causar um desequilíbrio federativo como o provocado pela criação de Estados.

Se o resto do país se dispuser a aceitar a divisão, deveria exigir que fosse por territórios federais.

---

**CLÁUDIO GONÇALVES COUTO**, cientista político, é professor do Departamento de Gestão Pública e da pós-graduação em administração pública e governo da EAESP-FGV (Fundação Getúlio Vargas). **Folha de São Paulo, maio de 2011.**

## **A Federação brasileira comporta novos Estados? SIM**

### **Instrumento de integração nacional (GIOVANNI QUEIROZ)**

**RESUMIR A CRIAÇÃO DOS ESTADOS** de Carajás e Tapajós no Pará em "mais gastos para o governo e prejuízos para o contribuinte" não é apenas precipitado, mas pode ser considerado também um raciocínio simplista. Por essa ótica, deixam-se de lado exemplos exitosos ocorridos ao longo da história e tudo o que de positivo isso representaria para o desenvolvimento daquelas áreas, do Pará e da região amazônica. Antes de fazer essa avaliação, é necessário compreender que a criação dos novos Estados não se

resume a uma simples redivisão do espaço territorial ou mesmo prejuízo para o Estado redimensionado.

Os exemplos de desmembramentos, como os de Mato Grosso do Sul e Tocantins, são laboratórios a céu aberto à disposição de cientistas políticos, economistas, sociólogos e a quem mais do meio acadêmico possa interessar a análise.

Fazendo uma comparação da evolução do PIB de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, de 1977 (data do desmembramento) a 2008, a preços constantes de 2000, segundo os dados do IBGE, verifica-se uma evolução de 723%, enquanto o PIB nacional cresceu 251%, no mesmo período.

Os Estados de Tocantins e Goiás, de igual forma, de 1988 a 2008, tiveram juntos o PIB elevado em 194%, enquanto o do Brasil cresceu 76%. Outro dado positivo diz respeito ao Amapá, que de território passou a Estado e teve o crescimento do PIB em 187%.

Na área estruturante, o Tocantins, que era o corredor da miséria goiana, em 22 anos de existência saltou de 110 quilômetros de rodovias estaduais para 6.110 quilômetros de estradas pavimentadas.

Para se ter uma ideia do que isso representa, o Pará, que tem cinco vezes o território e seis vezes a população do Tocantins, tem apenas 5.000 quilômetros de rodovias.

Outro dado importante é o fato de 85% das residências do Tocantins terem hoje água tratada, potável, enquanto no Pará apenas 50% das casas têm água encanada, de acordo com o Ipea. Isso reflete a melhoria da qualidade de vida da população como uma consequência direta do desmembramento.

A educação também merece destaque. Há 22 anos, não havia no Estado uma só sala de nível superior; hoje, ele abriga cinco faculdades de medicina, sem falar dos demais cursos, enquanto o Pará conta com três faculdades de medicina, em mais de 150 anos como Estado. É verdade que a criação de Carajás e de Tapajós vai implicar gastos iniciais, com as novas estruturas burocráticas a serem implantadas: novas casas legislativas, governos, servidores. Mas esses gastos trarão para a população benefícios muito maiores, da mesma forma que ocorreu no Tocantins.

O Estado do Carajás não dependerá de repasses federais, pois tem hoje estrutura muito superior à do Tocantins à época de sua criação. Concordar com a não viabilidade de criação dos novos Estados e acreditar que os gastos vão superar o ganho para a região e, principalmente, para a população é ignorar a realidade do Pará e posicionar-se por puro preconceito.

É dar as costas para o desenvolvimento econômico e social do país. É manter os olhos fechados para extremas desigualdades entre os Estados brasileiros.

---

**GIOVANNI QUEIROZ** é deputado federal pelo Pará e líder do PDT na Câmara dos Deputados. **Folha de São Paulo, maio de 2011.**

## **O Caseiro, o Ministro e seus dinheiros (MALU FONTES)**

**DOIS PESOS E DUAS MEDIDAS.** Assim é, e ainda será por muito tempo, a assimetria das consequências públicas a serem enfrentadas, de um lado, por aqueles cujo estatuto na vida os situa em condições privilegiadas e, de outro, por aqueles que habitam os andares de baixo da pirâmide social. O caso do enriquecimento brusco e vertiginoso do ministro da Casa Civil de Dilma Rouseff, Antônio Palocci, é um caso típico de que, perante a hipocrisia social e política, os poderosos não apenas são poupados de explicar suas trajetórias suspeitas como ainda podem arriscar uns passos numa coreografia retórica permeada de arrogância do tipo 'enriqueci em quatro anos porque fui ministro da Fazenda e ex-ministro vale muito no mercado'. E quem há de duvidar? Já caseiros e ex-caseiros não valem nada e a história do piauiense Francenildo Costa, todinha encontrável em qualquer busca no Google, está inscrita na crônica dos escândalos políticos brasileiros para sustentar essa tese.

**GAROTAS** – Durante os quatro últimos anos, quando exercia o mandato de deputado federal pelo PT de São Paulo, o ex-ministro da Fazenda do Governo Lula, saído praticamente pelos fundos da pasta em 2006, após o então caseiro de uma mansão de Brasília (Francenildo) afirmar que por mais de dez vezes o vira freqüentar a casa junto com lobistas, políticos, empresários e garotas de programa, em torno de malas de dinheiro, negociações político-econômicas e uísque a go go, ganhou uma dinheirama e tanto. O assunto chegou, primeiro, na manchete da Folha de S. Paulo de domingo passado e, ao longo da semana, espalhou-se por todos os telejornais. As evidências dão conta da multiplicação do patrimônio do ministro Palocci, em apenas quatro anos, em 20 vezes, em relação ao que declarara ao candidatar-se a deputado. Praticamente em cash, já que efetuou o pagamento em apenas duas vezes, Palocci adquiriu durante o mandato um apartamento de R\$ 6,6 milhões e um escritório por cerca de R\$ 850 mil.

Ao ser questionado, pela imprensa e pela oposição, sobre como conseguiu enriquecer tão rápido em tão pouco tempo, Palocci estrilou, os companheiros também e até a sisuda e tida como rígida presidente Dilma fez um primeiro ensaio de troça com a opinião pública: 'eu e o ministro estamos saudáveis'. Ela, após um acometimento de pneumonia e ele, após ter seu fermentado patrimônio recente divulgado. Diante da

justificativa de Palocci, de que adquirira os recursos fazendo consultoria (enquanto exercia o mandato de deputado federal encerrado no ano passado) a empresas privadas e que ex-ministro da Fazenda vale muito no mercado, no governo e nos bastidores do PT todos foram unânimes em bater o pé afirmando que, mais do que isso, o ministro não tem obrigação nenhuma de explicar. Para quais empresas prestou consultoria, em que campo e por quais honorários, essas são, segundo o governo, informações que não interessam a ninguém.

**CACHÊ** - Ok. Não se trata aqui de propor sessões de tortura para obrigar o ministro a confessar quem o remunerou tão bem durante o seu mandato e por quais serviços, mas tão somente de reiterar o quanto pimenta em qualquer parte do corpo dos outros é elixir aliviante. Basta comparar a importância dada pelo Governo e por altos ocupantes de cargos do primeiro escalão do Governo Lula quando o caseiro Francenildo confirmou o envolvimento do então ministro Palocci com lobistas em Brasília. Não só acharam que o dinheiro que cada um tem no banco merece ser considerado duvidosíssimo, quando não há razões claras para associá-lo a salário por trabalho reconhecido, como sequer se deram ao trabalho de perguntar a Francenildo se ele tinha algum dinheiro e como o havia conseguido. Bastou ele incomodar o todo poderoso ministro para que uma tropa de choque a serviço deste literalmente arrombasse a vida do coitado, incluindo violação de sua conta no banco, onde encontraram uns 30 contos que vinham sendo depositados entre janeiro de março de 2006 por um pai do Piauí que nunca o havia reconhecido e, naquele ano, resolvera lhe dar um cala boca financeiro.

Sim, a violação da conta do caseiro levou Palocci a sair do Governo, mas quem há de negar que quem mais perdeu com essa história foi Francenildo? Teve que se esconder durante meses em um programa de proteção à testemunha, afastar-se da mulher e do filho. Ninguém foi punido, Palocci voltou ao governo por cima da carne seca, não só na condição de parlamentar super bem votado como também, agora se sabe, como consultor ultra bem remunerado. O dinheiro achado na conta de Francenildo, via violação de sigilo bancário, uns trocados, foi logo sendo considerado pelos amigos do ministro como sinal de que deveria estar recebendo cachê da oposição para dizer o que viu.

**SEXO ORAL** - Entraram na conta bancária e na vida privada do pai de Francenildo, um velhote meio classe média do Piauí que havia dado uma pulada de cerca há uns 20 anos passados e tentava se redimir em segredo. Agora, diante dos milhões de Palocci, soa ofensivo aos sensíveis amigos do ministro perguntar quem o consultou a peso de ouro. Como não se explica nada, já correm soltas as versões de que o fio do novelo que deu no apartamento caríssimo nos Jardins, em São Paulo, pode começar, ou terminar, lá nas bandas de Angola, na África

Comparando-se os modos de tratamento político dado por parte do partido do governo aos dinheiros de Palocci e aos de Francenildo, é fácil supor que, se fosse no Brasil que um chefe do mundo do poder, como o diretor do FMI, Dominique Strauss-Kahn, forçasse uma camareira de hotel a uma sessão apressadona de sexo oral e ela se atrevesse a denunciá-lo, perigava ela, e jamais ele, ir para a cadeia. E por falar nisso, abordar suruba no apartamento do personagem de Lázaro Ramos, no novelão da oito, pode, mas referir-se à sessão de sexo oral do senhor Dominique nos telejornais não pode. Por quê?

**MALU FONTES** é jornalista, doutora em Comunicação e Cultura e professora da Facom-UFBA. Texto publicado originalmente em **22 de maio de 2011, no jornal A Tarde**, Salvador/BA. [maluzes@gmail.com](mailto:maluzes@gmail.com)

## **A Igreja no Brasil e os atuais desafios (RAYMUNDO DAMASCENO ASSIS)**

**UM OLHAR RESPONSÁVEL** para o presente e para o futuro do Brasil percebe, ao mesmo tempo, preocupações e esperanças. Alegra-se com um país que se empenha em se modernizar, tornar-se uma nação cada vez mais influente nos destinos do mundo, para que a amplitude territorial corresponda à importância política, social e econômica.

Estamos vivendo o primeiro semestre dos novos governos federal e dos Estados. A possibilidade, portanto, de muito se fazer em benefício do país e de seu povo é grande. As maiores preocupações encontram-se nos campos da pobreza e da violência. Dados oficiais indicam que mais de 16 milhões de brasileiros ainda vivem em situação de extrema pobreza.

A violência permanece ativa em suas variadas formas, desde aquelas mais agudas, como o massacre de crianças numa escola do Rio de Janeiro, até a violência cotidiana, por exemplo, dentro dos lares, nas relações pessoais, no comércio de drogas, nas chacinas e na facilitação em se conseguir armas.

Preocupam igualmente a fragilidade ética diante do bem comum e as constantes notícias de corrupção. Neste ano, com a Campanha da Fraternidade, a Igreja no Brasil alertou a respeito da responsabilidade ecológica de todos, com risco até de destruição do planeta.

A tudo isso soma-se o que se convencionou chamar de mudança de época. Experimentamos aguda alteração nos valores, nas atitudes e nas referências. Muito do que, até pouco tempo, servia para orientar, sustentar e reagir diante dos problemas tem perdido vigor, trazendo, a pessoas e grupos, a forte sensação

de perplexidade diante de como pensar, sentir e agir.

Ao lado dessas preocupações, o mesmo olhar responsável encontra inúmeras iniciativas que fazem brotar a esperança. Percebe-se, por exemplo, o esforço por novas formas de vida comunitária, relações econômicas que não se escravizam ao lucro, revalorização da família, grupos organizados na sociedade civil investindo na reintegração humana, ações nos campos da saúde, da educação ou da alimentação.

As duas leis de iniciativa popular, tanto a nº 9.840, sobre corrupção eleitoral, quanto a da Ficha Limpa, mostraram até onde se pode chegar quando a consciência do bem comum, a responsabilidade ética e a organização se articulam.

Como se vê, há muito pelo que agradecer a Deus, mas também há muito a ser feito. A Igreja sabe que não depende somente dela realizar o futuro. Num tempo de pluralidade e parcerias, a Igreja é consciente de que sua presença haverá de ser, ao mesmo tempo, firme na própria identidade e incansável no diálogo.

Em sua identidade, a Igreja tem a máxima certeza de que lhe cabe a irrenunciável tarefa de anunciar Jesus Cristo e o reino de Deus, tirando, desse anúncio, as consequências para cada uma das situações concretas que o dia a dia vai apresentando. Ao fazê-lo, a Igreja sabe que, em decorrência do próprio Jesus Cristo, haverá de dialogar com todos os que, de coração sincero, buscam o bem comum.

As diretrizes gerais para ação evangelizadora, aprovadas na última assembleia da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), indicam alguns desses desafios e apontam, à luz do Evangelho, caminhos a serem percorridos.

Indicam uma Igreja que se firma no discipulado de Jesus Cristo, voltando-se ainda mais às fontes da fé. Uma Igreja que se coloca, de modo inquestionável, ao lado da vida, em especial a vida fragilizada, ameaçada e desrespeitada.

Uma Igreja samaritana, irmã dos mais pobres e que se quer cada vez mais aberta ao diálogo ecumênico e inter-religioso. Uma Igreja, enfim, em que cada batizado reconhece e assume o valor testemunhal de sua própria vida.

---

**CARDEAL DOM RAYMUNDO DAMASCENO ASSIS**, arcebispo de Aparecida (São Paulo), é presidente da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). **Folha de São Paulo, maio de 2011.**

## **Presente, futuro e psicanálise (PLINIO MONTAGNA)**

**COMO DISPOR DO TEMPO** que ainda viveremos - esse é nosso desafio, universalmente humano. Vale para qualquer idade e qualquer tempo, desconhecido, que a vida nos reservará. O presente é o fim e o início de dois tempos, passado e futuro, e é nele, no trânsito entre nossas recordações e nosso destino, que temos o nosso dizer e fazer.

O futuro se ancora nas escolhas que fazemos hoje, dentre aquilo que a vida nos apresenta e nossas criações próprias. Vivê-lo com qualidade ou jogá-lo fora depende de nós. Nos é dado redimensionar e reorganizar em nós o passado, mas, óbvio, não o viveremos mais. Passado e futuro são referências apenas do presente. É disso que trata uma psicanálise. Diferentemente do que muitos imaginam, o fazer psicanalítico contemporâneo não se refere a falar do passado para entender o presente. Ao inverso, por meio das formas relacionais que alguém mostra na sala de análise pode-se reconstruir imaginativamente seu passado, não necessariamente o factual, vivido "de fato", mas, sim, a narrativa que dele faz para si mesmo.

Mais do que explicar, refere-se a compreender - ou criar sentidos em que a própria mente é apenas virtualidade, uma protomente. Mais do que conjecturar o passado, importa configurar graus crescentes de liberdade interior para o indivíduo lidar com o presente e com a trama que imprime às suas relações, se apropriando daquilo que se vai revelando verdadeiro em seu ser. A apropriação de sua singularidade radical, a favor da vida, pode-se dizer o escopo nuclear de um processo analítico.

Não se trata, por exemplo, de uma pessoa não sofrer, mas, sim, de desenvolver seus equipamentos, em auxílio a se desviar dos sofrimentos evitáveis e enfrentar os que não o são. É assim que podemos ajudar. Estamos mais instrumentados que na época de Freud.

Além dos outros grandes mestres, a psicanálise segue, como todo campo de saber, sendo construída num trabalho diário de muitas mãos. Na Associação Psicanalítica Internacional, que Freud fundou, convivem e conversam entre si diversos modos de pensar, sendo natural, num mundo em rede como o nosso, um influenciar o outro. Mantém-se perspectiva plural, para a maioria, por vezes pluralista.

A psicanálise representa hoje a peça de resistência do estudo da subjetivação e da subjetividade humana e segue tendo enorme influência em inúmeras outras áreas. Continua sendo, com seus avanços, uma poderosa arma terapêutica de ampliação do conhecimento sobre cada um e sobre relações humanas.

Possibilitando a atualização de sua existência a cada um, permanece como uma ferramenta preciosa

na busca de uma vida psíquica de qualidade. Como cada um de nós, ela não está pronta, fechada em seu saber e fazer. Influencia e é influenciada pelo tempo e pelo espaço que a circunda.

---

**PLINIO MONTAGNA**, mestre em psiquiatria, psicanalista, é presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), membro componente da Associação Psicanalítica Internacional. Foi docente da Faculdade de Medicina da USP. **Folha de São Paulo, maio de 2011.**

## **As Bacantes (LUIZ FELIPE PONDÉ)**

**ABRE ASPAS.** "Ela estava de pé em minha frente. Eu, sentado, ofegante, à espera do próximo passo daquela fera. Ela, com um sapato preto de salto alto. As pernas suavemente abertas. Por sob a saia preta, o sangue começava a escorrer por entre as pernas. Aquele líquido vermelho, delicioso, quente, promissor, me chamava para uma forma ainda desconhecida de desejo: beber seu sangue menstrual.

Ela mergulha o dedo no sangue e, suavemente, molha os lábios com ele, sugando-o, avidamente. Não resisti. De joelhos diante de minha deusa, ofereci minha boca para aquele líquido sagrado. Lavei suas pernas com meus beijos. Nunca senti nenhum prazer igual. O gosto, não dá pra descrever, é como se finalmente tivesse descoberto o verdadeiro sabor da alma feminina.

Mas ela não se deixou dominar facilmente. Tive que usar de toda minha força masculina para finalmente imobilizá-la e roubar dela todo o seu sangue delicioso.

Ao final, caída no sofá, minha presa respirava agonizante diante de minha fúria animal. Eu, paralisado, contemplava minha escravidão. Assim tornei-me uma espécie de vampiro. Caço mulheres menstruadas pelas noites. Não para matá-las, jamais! Mas, para beber a delícia que delas brota uma vez por mês. Uma dádiva para o homem que conhece o gosto de mulher.

Agora entendo por que as mulheres eram vistas como deusas. Não porque são mães em potencial, mas porque nos alimentam com suas entranhas. De início, ficam um pouco tímidas, mas depois dos primeiros "assaltos" à sua intimidade fisiológica, percebem que minha obsessão é na realidade a forma mais verdadeira de amor à mulher. Agora, só saio com mulheres menstruadas". Fecha aspas.

Calma, cara leitora. Não engasgue. Se menstruada, sinta-se visitada neste café da manhã de segunda-feira. Não, o colunista não enlouqueceu, apenas faz paródia pobre da cena em que o personagem masculino criado pelo magnífico escritor americano Philip Roth bebe o sangue menstrual de sua amada Consuela.

O livro chama-se "Animal Agonizante", e o filme, "Fatal". O casal foi interpretado por Ben Kingsley e Penélope Cruz. Se o leitor não tem inveja de Javier Bardem, marido da Penélope, melhor sair do armário de uma vez. O sangue menstrual é a nova forma de afirmação para algumas mulheres que se recusam a vê-lo como "maldição" fisiológica.

O filme "Carrie, a estranha", de Brian de Palma, traz a famosa cena onde a mãe louca castiga sua filha por conta de sua primeira menstruação. Elas eram "testemunhas de Jeová" e este filme ajudou a difundir uma péssima imagem dessa forma ímpar de cristianismo, além de popularizar a ideia de que menstruação é castigo. Semana passada o caderno **Equilíbrio** desta **Folha** deu uma interessante matéria sobre cultos ecofeministas que buscam reconstruir outro significado para a menstruação.

Há algum tempo meus alunos de comunicação conhecem fenômenos desse tipo. Como todo processo religioso, eles buscam "dar significado" a fatos da vida.

Neste caso específico, tirar a imagem pejorativa da menstruação através da valorização de um "fato fisiológico" (a menstruação), associando-o à preocupação ecológica (absorventes sintéticos poluiriam, em oposição aos métodos "do bem" das vovós ou "copinhos" que colheriam o sangue para posterior entrega à "mãe-terra").

Estamos aqui diante de uma "releitura" de supostas antigas formas religiosas pagãs (termo impreciso). Minhas alunas acham a ideia muito estranha. Eu, não especialmente, acho-a até sensual. Elas pensam que se trata de um delírio e nada mais. Falta do que fazer. Excessos de uma época sem rumo. O personagem de Roth talvez subisse numa árvore para ver esse estranho culto, revivendo a tragédia das Bacantes. E por isso mesmo, quem sabe, fosse devorado por elas em êxtase místico.

PS: Semana passada, eu escrevi "lapidação" (apedrejamento) no lugar de circuncisão feminina (corte do clitóris). Ambos são hábitos culturais fundamentalistas. Leitores me chamaram a atenção. Obrigado. De qualquer jeito, a "ordem dos fatores não altera o produto". O argumento permanece o mesmo.

**[ponde.folha@uol.com.br](mailto:ponde.folha@uol.com.br) - Folha de São Paulo, maio de 2011.**

### **União homoafetiva e o gol de placa do STF (JAIRO BOUER)**

**HÁ CERCA** de dez dias, o Supremo Tribunal Federal decidiu que não pode haver diferenças legais entre casais homossexuais e heterossexuais. Com os mesmos direitos, casais gays podem registrar em cartório sua união estável e ter direito à adoção e outros benefícios.

Foi um tremendo avanço. Há anos o Congresso tenta aprovar uma lei nesse sentido, mas sempre esbarra na posição de grupos religiosos e forças políticas conservadoras. No fim, acaba não votando o projeto. Agora o STF deixou claro seu ponto de vista, defendendo direitos fundamentais, como a igualdade e a não discriminação. Na última pesquisa do IBGE, mais de 60 mil casais no Brasil declararam viver relações homossexuais estáveis. E esse número pode ser bem maior! Muitos casais podem estar escondidos por medo do preconceito.

A decisão do Supremo deve facilitar a vida e os direitos desta parte da população. Grupo que, se formos seguir o que afirmam as pesquisas de sexualidade (cerca 5% das pessoas têm orientação homo ou bissexual), pode chegar a um número de 9 milhões no país.

Por que algo que parece tão óbvio (todos devem ter direitos iguais) demorou tanto tempo para ser julgado? Esbarramos aí em questões culturais, sociais, religiosas e políticas semelhantes àquelas que transformaram mulheres, negros, judeus e outras tantas pessoas em cidadãos de segunda categoria durante séculos (muitas vezes, nem cidadãos eram considerados!).

Uma sociedade justa não pode existir enquanto há deveres iguais e direitos diferentes. O Brasil (como outros países do mundo já tinham feito) deu mais um passo importante. Agora é com a população. Ela precisa garantir que não só a lei seja igual para todos, mas também o respeito!

[jbouer@uol.com.br](mailto:jbouer@uol.com.br) - Folha de São Paulo, maio de 2011.

### **Desnaturalização da heterossexualidade (LEANDRO COLLING)**

**O DIA DE COMBATE À HOMOFOBIA**, 17 de maio, é uma boa data para repensarmos as estratégias que utilizamos para desconstruir os argumentos dos homofóbicos. As políticas de afirmação identitária, utilizadas para atacar as opressões contra LGBTTTs (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros), negros e mulheres, para citar apenas alguns grupos, surtiram efeito e por causa delas podemos comemorar algumas conquistas. Mas, ao mesmo tempo, essas políticas são limitadas em alguns aspectos.

Além de afirmar as identidades dos segmentos que representamos, também precisamos problematizar as demais identidades. Por exemplo: LGBTTTs podem, se assim desejarem, problematizar a identidade dos heterossexuais, demonstrando o quanto ela também é uma construção, ou melhor, uma imposição sobre todos.

Assim, em vez de pensarmos que as nossas identidades são naturais, no sentido de que nascemos com elas, iremos verificar que nenhuma identidade é natural, que todos resultamos de construções culturais. Dessa maneira, a "comunidade" LGBTTT passaria a falar não apenas de si e para si, mas interpelaria mais os heterossexuais, que vivem numa zona de conforto em relação às suas identidades sexuais e de gêneros (aliás, bem diversas entre si).

Para boa parte dos heterossexuais, apenas LGBTTTs têm uma sexualidade construída e problemática, e o que eles/as dizem não tem nada a ver com as suas vidas. É a inversão dessa lógica que falta fazermos para chamar os heterossexuais para o debate, para que eles percebam que não são tão normais quanto dizem ser. Ou seja: para combater a homofobia, precisamos denunciar o quanto a heterossexualidade não é uma entre as possíveis orientações sexuais que uma pessoa pode ter. Ela é a única orientação que todos devem ter. E nós não temos possibilidade de escolha, pois a heterossexualidade é compulsória.

Desde o momento da identificação do sexo do feto, ainda na barriga da mãe, todas as normas sexuais e de gêneros passam a operar sobre o futuro bebê. Ao menor sinal de que a criança não segue as normas, os responsáveis por vigiar os padrões que construímos historicamente, em especial a partir do final do século 18, agem com violência verbal e/ou física.

A violência homofóbica sofrida por LGBTTTs é a prova de que a heterossexualidade não é algo normal e/ou natural. Se assim o fosse, todos seríamos heterossexuais. Mas, como a vida nos mostra, nem todos seguem as normas.

Para executar estratégias políticas que denunciem o quanto a heterossexualidade é compulsória, e de como ela produziu a heteronormatividade (que incide também sobre LGBTTTs que, mesmo não tendo práticas sexuais heterossexuais, se comportam como e aspiram o modelo de vida heterossexual), não podemos apostar apenas em marcos legais e institucionais.

Precisamos desenvolver, simultaneamente, estratégias que lidam mais diretamente com o campo da cultura, a exemplo de ações nas escolas, na mídia e nas artes.

O projeto Escola sem Homofobia, assim, não correria o risco de apenas interessar a professores/as e alunos/as LGBTTTs. Nesse processo, comunicadores e artistas também poderiam servir como excelentes sensibilizadores para que tenhamos uma sociedade que realmente respeita a diversidade. E a festa como uma das grandes riquezas da humanidade.

---

**LEANDRO COLLING**, professor da Universidade Federal da Bahia, é presidente da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura e membro do Conselho Nacional LGBT. **Folha de São Paulo, maio de 2011.**

## **O IBGE acendeu a luz (NIZAN GUANAES)**

**NUM PAÍS** em transformação acelerada como o Brasil desta década, as primeiras informações do Censo 2010 iluminam o nosso caminho. É uma mina de dados de um país em transformação, o maior e mais detalhado inventário de nossa maior riqueza: os brasileiros.

O censo é o olhar para trás que orienta o olhar para a frente. O IBGE mostra como chegamos aqui e aponta para onde devemos ir. O que tem nos domicílios do país e o que não tem. Para onde as pessoas estão indo e o que elas vão precisar nesse novo lugar. Mergulhem, garimpem, transformem esses dados em planos de expansão, investimento, inovação. Há um novo Brasil nascendo, e agora o conhecemos melhor.

A amostragem do IBGE é insuperável. Os recenseadores visitaram 67,5 milhões de domicílios em 5.565 municípios e revelaram uma série de avanços: o país está menos branco, mais feminino, mais alfabetizado e mais maduro, entre outros avanços deste século promissor.

A população cresce mais no Norte, no Centro-Oeste e no Nordeste do que no Sudeste e no Sul. A explosão de oportunidades fora dos centros tradicionais de riqueza está movimentando milhões de pessoas para novas fronteiras do desenvolvimento e invertendo fluxos migratórios. A beleza deste momento econômico é que, trabalhando bem, poderemos unir as benesses da globalização (acesso a capital e mercados e exposição à concorrência) com as benesses da nacionalização, porque temos um país novo para explorar.

A expansão do mercado interno não é só uma expansão da renda e do consumo, ela é uma expansão geográfica da renda e do consumo. Siga o dinheiro, Brasil adentro. Amo meu país, e amo vê-lo assim.

É óbvio que o copo está metade cheio e metade vazio. Sou empresário. Trabalho com o que existe para realizar o que falta. No Brasil em que nasci o Nordeste era uma região de calamidade e seca. Hoje é a China brasileira. Se você duvida, vá lá ver. Em junho, em São Paulo, o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) realizará uma conferência da maior importância sobre a base da pirâmide. É dessa base que vem o novo crescimento da economia do nosso país. A cesta básica não é mais só básica. Dona Maria quer beijar de batom, ficar cheirosa e comer chocolate. Produtos populares não podem mais ser simplesmente pobres e baratos. Eles têm de ser bons, bonitos e acessíveis. Como as roupas da C&A e da Zara. Falta uma construtora popular que pense em design e em arquitetura como a Tok&Stok. Falta uma cadeia de hotéis que seja jovem, moderna e barata como a Gap.

O consumidor mudou, o Brasil mudou e as empresas têm de mudar. E a melhor pesquisa que existe é pegar um avião e viajar pelo Brasil. Você vai descobrir que mercados antes desprezados se tornaram obrigatórios. Não dá mais para não olhar para o Nordeste, para o Centro-Oeste e para o Norte. Há uma chance histórica de se ganhar escala. De reforçar marcas, de criar marcas, de estabelecer parcerias. Mas crescer/vender no Nordeste pode ser muito diferente do que no Sudeste. Você vai precisar sair da sua zona de conforto para descobrir como o Brasil não é só grande, é complexo. Se não, quem vai tirar você do conforto serão eles, que virão invadir a sua praia. Chegam pessoas nas minhas agências, de lugares inéditos do país, com demandas inéditas de comunicação que desafiam a nossa capacidade.

Você até pode, mas não deve falar sempre a mesma coisa do mesmo jeito em Uberaba, Manaus, São Paulo e Campo Grande. Mudar vai dar trabalho, mas vai dar retorno. Basta ouvir o IBGE e o BID. Há um Brasil novo que sempre foi colorido, mas só neste censo se autodeclarou majoritariamente não branco. Pardos e pretos juntos são, pela primeira vez, maioria autodeclarada da população. Porque eles finalmente se sentem seguros e orgulhosos de se assumirem pelo que são.

A confiança econômica e o reforço na renda já estão se transformando num reforço de identidades. E no regime capitalista, gostemos ou não, o consumo é uma das expressões mais relevantes do indivíduo e da cidadania. Não tem jeito: sua marca terá de respeitar e dialogar com esse novo brasileiro. Primeiro você precisa descobrir quem ele é. O IBGE acendeu uma luz.

---

**NIZAN GUANAES**, publicitário e presidente do Grupo ABC, escreve às terças-feiras, a cada 14 dias, nesta coluna. **Folha de São Paulo, maio de 2011.**

## Em que mundo você vive? (LUÍS MAURO MARTINO)

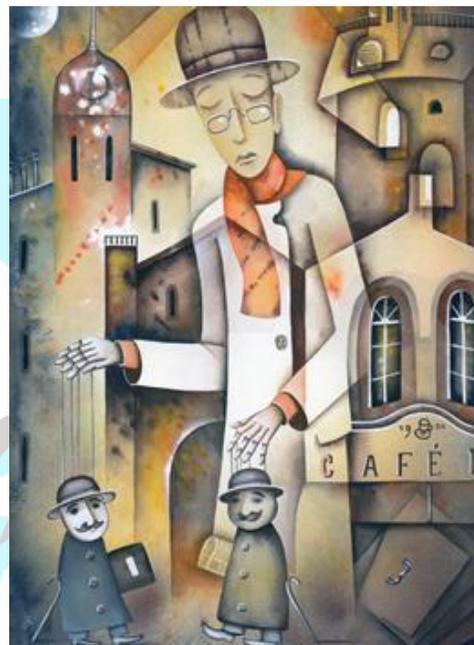
*Fala-se em "realidade" como algo único e compartilhado por todos, mas uma das principais questões da Filosofia é se existe uma realidade objetiva ou se ela é modificada pelos sentidos. A visão de realidade universal pode levar a problemas éticos na relação com o outro*

Outro dia, em uma padaria perto de casa, havia fila no balcão de frios. Pedi 300 gramas de alguma coisa. O balconista fatiou um pouco mais, 315 gramas. "Pode ser?", perguntou. Concordei e, enquanto ele fazia o embrulho, um senhor de raros cabelos brancos logo atrás na fila disse, em tom de segredo: "Ele sempre faz isso, coloca a mais". "Foram só 15 gramas", respondi. "É, mas 15 aqui, 15 ali, rouba de todo mundo. É o dono que manda, por isso está rico!". "Não deve ser de propósito". Ele respondeu, espantado: "Você não quer ver as coisas como elas são". E emendou: "Em que mundo você vive?".

Ele talvez não saiba, mas sua pergunta vai muito além das cogitações monetárias daquele momento. A pergunta "em que mundo você vive?" é feita quando alguém não tem a mínima noção de um assunto que todos conhecem. O tom geralmente é de reprimenda: não saber o que todo mundo sabe significa, na melhor das hipóteses, distração; na pior, desinteresse. Nos dois casos, o objetivo é fazer a pessoa ter consciência de certa realidade.

Estamos acostumados, no cotidiano, a falar da "realidade" como se estivéssemos de acordo a respeito do que é isso e como se ela fosse uma só. No entanto, há vários elementos que a formam, várias linhas compondo o tecido da realidade - e não deixa de ser uma coincidência produtiva que "tecido" tenha a mesma raiz de "texto". Cada indivíduo, nesse emaranhado, transita entre várias dessas linhas.

A noção é de que existe uma realidade comum a todas as pessoas. Essa realidade pode ser percebida igualmente por todos e independe de cada uma. Se alguém, por acaso, não sabe identificar essa realidade, se não sabe o que está acontecendo nela, é porque vive em outra dimensão, em outro mundo.



Isso leva a outro pressuposto, uma aparente contradição: é possível para alguém viver em seu próprio mundo, distante do que seria o mundo normal. A "realidade" para essa pessoa diverge, em graus variados, das outras - afinal, se é preciso chamar a atenção da pessoa para os fatos desta dimensão da realidade, é porque ela está em outra.

A ficção é pródiga em lidar com a noção de "realidades múltiplas", mas geralmente partindo do pressuposto de que existem várias ordens ou dimensões de uma realidade concreta. A noção, largamente explorada, de "universos paralelos" ou mesmo de viagens, trabalha com a possibilidade, vislumbrada em algumas hipóteses e especulações científicas, de que nosso universo não é o único e a "realidade" é fragmentada. Mas não é preciso esperar pela ficção para se pensar no assunto.

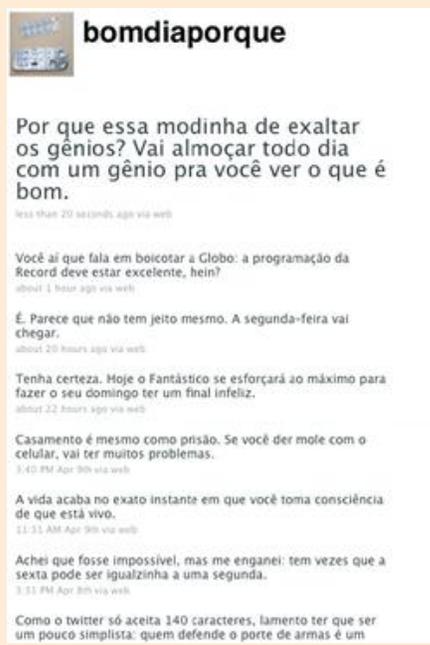
O filósofo norte-americano William James, em um texto chamado As múltiplas realidades, escrito no final do século XIX e publicado em Princípios de Psicologia, chamou a atenção para esses fenômenos: vivemos em múltiplas realidades, mas quase não nos damos conta disso e, na maior parte dos casos, essa pluralidade é comprimida como se fosse uma entidade singular: a realidade.

Com isso, James voltava a uma das principais questões da Filosofia: existe uma realidade objetiva, isto é, independente do sujeito que a observa, ou toda realidade está ligada à pessoa que a observa - no caso, eu? Existe realidade além da primeira pessoa? Posso ter acesso à realidade tal como ela é ou estou condenado a sempre ter a "verdadeira" realidade modificada pelos sentidos?

**Existe uma realidade objetiva, isto é, independente do sujeito que a observa, ou toda realidade está ligada à pessoa que observa - no caso, eu?**

## O pior dos mundos possíveis

A internet oferece excelentes exemplos da criação de realidades. Dentre os milhões de usuários do Twitter, um se destaca pelo mau humor. Trata-se do autointitulado @bomdiaporque. Twits de um intenso pessimismo, levado às raias do absurdo, se esforçam em desmontar o discurso do otimismo e de tudo o que seja positivo. Qualquer esperança é vista com reservas e descartada. O efeito desse exagero costuma ser cômico e é muito provável que a intenção do autor seja, de fato, humorística. Quem pautasse sua visão de mundo no @bomdiaporque veria um lugar frio e sombrio, onde tudo é destinado ao fracasso.



Ao se falar em "realidade", estamos falando de um mundo comum onde todos vivemos ou de meu mundo particular, percebido apenas por mim? É em relação a isso que se apoia uma das principais dicotomias da Filosofia, o objetivismo e o subjetivismo do conhecimento. Esse problema não escapou à maior parte dos filósofos, que ofereceram várias respostas para o problema.

Kant, na Crítica da Razão Pura, tenta resolver o problema abrindo uma perspectiva relacional para o problema: a experiência chega pelos sentidos, mas é elaborada como conhecimento pelas categorias a priori da razão. O elemento subjetivo, aqui, está presente como o organizador dos dados da realidade - se é possível correr o risco de uma imagem, mais ou menos como um copo que, de certo modo, dá a forma ao líquido que está dentro dele. O líquido veio de um ambiente externo ao copo, mas, ao ser colocado lá dentro, toma a forma cilíndrica do recipiente.

Com isso, Kant ofereceu uma solução a respeito da relação entre mente e sentidos na compreensão do mundo. A realidade existe como fato objetivo, mas só pode ser percebida de forma subjetiva pela razão - conhecemos os fenômenos, isto é, a manifestação das coisas; os noumenos, ou seja, as coisas em si, permanecem fechadas aos nossos sentidos.

### Em primeira pessoa

Outra resposta veio no início do século XX. É uma das principais contribuições de Edmund Husserl à discussão sobre a realidade, o conceito de Lebenswelt, traduzido como "mundo vivido", embora também como "mundo da vida". Trata-se, em linhas bastante gerais, do mundo cotidiano, do que seria chamado de "vida real" em sua expressão mais simples, como a experiência prática que se tem do cotidiano, da vida com todos os outros. Essa investigação da experiência como ponto de partida seguiu, na trilha de Husserl, filósofos como Heidegger e Alfred Schutz.

Tudo o que não pode ser captado diretamente pelos sentidos deve chegar de outro lugar. São narrativas que, de alguma maneira, compõem boa parte do nosso conhecimento a respeito do mundo. Na vida cotidiana, boa parte dessas narrativas é simplesmente aceita sem muita preocupação. Afinal, sua relevância no cotidiano é pequena - ninguém precisa saber qual é a capital da Polônia durante uma ida à padaria. No entanto, para além de qualquer elemento anedótico, isso pode ser visto como um indício de que nossa concepção da realidade, em sua dimensão mais profunda, talvez seja precária: uma parte do que entendemos como "real" se liga a conhecimentos além de qualquer comprovação para nós.



**Segundo Kant, os dados da realidade nos chegam pelos sentidos e são organizados pelas categorias a priori da razão. Seria como a água, que vem de um mundo externo, mas é moldada de acordo com o contorno do copo**

Ninguém pode compartilhar a experiência do outro - posso contar com todos os detalhes como foi meu dia, mas a pessoa que me ouve no máximo poderá ter uma ideia aproximada de como tudo aconteceu. Isso, no entanto, não significa que ela ficará completamente ignorante de como foram minhas últimas 24 horas. Se, por um lado, ela nunca terá acesso à minha experiência, isso não significa dizer que ficará completamente alheia ao que eu vivi. Afinal, compartilhando a mesma realidade, é provável que ela já tenha tido experiências parecidas a partir das quais pode ter alguma noção, mais ou menos clara conforme o caso, da situação que vivi. De um lado, só posso ter acesso direto a uma pequena parte da realidade que chega até mim pelos meus sentidos. A princípio, esse mundo da experiência seria o nível mais próximo da realidade que posso conhecer diretamente - você está lendo este texto. Por outro lado, meu mundo não se encerra nessas experiências diretas dos sentidos: também é formado pela memória, registro ativo e dinâmico de experiências passadas, do que foi; pela imaginação, espaço do devaneio, do sonho, do que pode ser; e, finalmente, pelos relatos que nos chegam. Com os outros componentes, formam uma estrutura dinâmica e complexa à qual, por falta de nome melhor, chamamos de "realidade". Ou, em um plural mais acertado, "realidades".

**Searle lembra que podemos ver a "realidade" como uma série de impulsos elétricos que caminha de nossos sentidos até o cérebro por uma complexa rede neuronal**

### **O Real é relacional**



A realidade, nessa perspectiva, é vista como o resultado de uma interação entre sujeitos e objetos, em um fluxo constante entre os dados imediatos da experiência e sua transformação em conhecimento. Como lembra o filósofo Ernildo Stein em sua Antropologia Filosófica, trata-se de um movimento na transformação do sensível no inteligível, daquilo que está nos sentidos, os dados imediatos que chegam a partir dos cinco sentidos, em algo em nossa mente. Essa relação leva a uma primeira pergunta: quais são, portanto, os dados que chegam a esses sentidos? A resposta a essa pergunta indica quais são os elementos que, de alguma maneira, terão alguma influência na formação da mente humana e, por consequência, àquilo que ela reconhece como realidade.

O mundo vivido, nessa perspectiva, está na minha consciência e é interpretado por ela, constituindo-se meu mundo. O objetivo e o subjetivo estão em relação, sem se reduzirem um ao outro. Minhas disposições subjetivas alteram a percepção da realidade, mas não a eliminam. Os afetos, por exemplo, podem interferir no julgamento de um fato - basta pensar como tudo fica mais bonito depois de receber uma boa notícia ou quando se está vivendo um momento feliz na vida afetiva, e como mesmo um belo dia de verão pode parecer insuportavelmente opressor para quem acabou de terminar um namoro.

Essa posição presume uma consciência relacional: a consciência humana não está fechada em si mesma, agregando a ela os dados do exterior; da mesma maneira, os dados que chegam pelos sentidos não estão exclusivamente nas coisas, de modo independente do ser que conhece; o conhecimento acontece na relação entre a consciência e o mundo além dela, em um fluxo no qual não há um momento primeiro, mas uma interação.



**Podemos contar ao outro o que se passou em certa situação, mas não temos como fazê-lo compartilhar daquela experiência. Só pequena parte da realidade nos chega por acesso direto**

### **Cérebros em uma cuba**

Uma das mais perturbadoras hipóteses a respeito da realidade é apresentada pelo filósofo norte-americano John Searle em *Mente, linguagem e sociedade*, e guarda semelhanças com o filme *Matrix*. Em essência, o que chamamos de "realidade" é uma série de impulsos elétricos que caminha de nossos sentidos até o cérebro por uma complexa rede neuronal e forma o "real" - sensações, imagens, movimentos, sabores, o cheiro de uma planta, o toque de uma mão. Todas as experiências da vida, das mais sublimes às mais perversas, são pequenas descargas elétricas. Se o panorama é desolador, a proposta seguinte não melhora as coisas: se o mundo real é um conjunto de impulsos elétricos decodificados, quem garante que não somos cérebros flutuando em uma cuba de cerâmica, estimulados por eletrodos diretamente? As pessoas, as ruas, as sensações, tudo se formaria à minha passagem, conforme as percebo na forma de sons, imagens, cheiros e tudo o mais.

A realidade e eu passamos a ser uma coisa só e nada mais existe. Fim de jogo. A proposição parece contradizer o bom-senso mais elementar, mas traz em si o problema das relações entre percepção e realidade - próximas, até, da proposta de "realidade" do empirismo inglês do século XVIII.

O filósofo britânico George Berkley, no *Tratado sobre a visão*, substitui o cartesiano "penso, logo existo" por "ser é ser percebido". O que não pode ser sentido não tem existência para mim. Isso quer dizer que a realidade se dissolve quando viro de costas para ela? Para Berkley, aliás, bispo Berkley, a realidade, mesmo fora do meu campo de percepção, continua sendo percebida por Deus.

O passo decisivo é dado por David Hume, filósofo escocês, ao eliminar Deus da argumentação. Sem essa garantia, a certeza na existência do real é deixada de lado. As sensações, as noções de causa e efeito e os conhecimentos são reduzidos aos sentidos, sem nenhuma possibilidade de provar a existência objetiva do mundo. Realidade é só uma coisa que colocaram na sua cabeça.



**Apesar de termos a ideia de que a realidade é uma só e comum a todos, ela é como um tecido formado de muitos pedaços e cada pessoa percorre várias dessas partes para formar seu real**

### Na minha realidade ou na sua?

**O pesquisador norte-americano** Erwin Goffman propõe a ideia de "enquadramento" (framing) para explicar a existência de "diferentes realidades". Os "quadros" ou "molduras" (frames) são o aparato mental que cada indivíduo usa para dar significado ao mundo real. Isso não leva ao isolamento de cada um em sua realidade porque os frames têm origem, entre outros fatores, na sociedade onde o indivíduo é formado, e por isso são parcialmente compartilhados com outras pessoas. Se, por exemplo, uso como frame a ideia de que todos estão contra mim, tendo a entender ações de outra pessoa como agressões, ainda que tenham sido inocentes. Uma boa dose dos mal-entendidos cotidianos deve-se ao uso de frames diferentes para interpretar uma mesma situação - interpretar, por exemplo, a simpatia de uma pessoa como interesse afetivo.

### Mundos diferentes, éticas diferentes

Há uma dimensão ética imediata que é problema da realidade. A pergunta "em que mundo você vive?" não está relacionada apenas ao conhecimento. A maneira como vemos o mundo está ligada diretamente ao modo como vamos agir nele e ao nosso comportamento em relação aos outros. A visão que tenho do mundo influencia a maneira como vou situar as outras pessoas nele, como vou interpretar suas ações em relação a mim e aos outros. A equivalência entre "realidade" e "visão da realidade" costuma ter consequências práticas, isto é, interfere diretamente na relação com o outro.

Deixando de lado a dimensão médica ou psicanalítica do problema, que implicaria o recurso a tratamentos, é possível verificar como isso acontece no cotidiano. Minha visão de mundo é uma espécie de linha invisível que, de certo modo, costura as experiências vividas em torno de alguns princípios, valores e ideias que tendo a considerar "corretos" - embora, na maior parte dos casos, as pessoas nem sequer se deem ao trabalho de questionar essa visão, exceto em situações de crise.

Em geral, pauta-se a Ética a partir de noções que se têm da realidade. Uma visão dessa realidade composta por conhecimentos e classificações de um determinado tipo pode levar a valores éticos igualmente específicos. As mudanças nesses valores, no sentido oposto, costumam estar ligadas a mudanças nessa visão de mundo. (Isso é o que torna a Filosofia uma prática: ela pode não mudar diretamente o mundo, mas muda a visão que temos dele e, por tabela, nossa maneira de agir).

Uma visão da realidade que encaixa um grupo como inferior abre brecha para que esse grupo seja maltratado - em último caso, eliminado. É possível delinear uma explicação para isso. As "visões de mundo" geralmente não são pensadas como tais, mas como a "realidade" em si. A essa primeira equivalência segue-se outra: equivaler "realidade" e "normalidade". Desse modo, naturalizam-se valores arbitrários que passam a ser considerados "normais" dentro de uma visão de mundo que não se reconhece como tal.

Uma das dificuldades em questionar o que é a realidade está na aparente obviedade da resposta. Todo mundo sabe o que é o mundo real. Afinal, vive-se nele. Todo mundo pega ônibus, metrô, vai à padaria, ao supermercado, tem alegrias e problemas no trabalho, na família. A vida real se desenrola diante de cada um com tal normalidade que qualquer questionamento pode ser visto como inútil ou absurdo. À distância, é fácil explicar o que é a "realidade" e associá-la com o "normal". A realidade seria o mundo comum, normal, onde todos vivem. Ponto-final.



**A percepção da realidade pode ser alterada, por exemplo, pelos afetos. Um mesmo fato pode ser recebido com alegria ou tristeza dependendo do estado de humor da pessoa no momento**

#### **A construção social do que mesmo?**

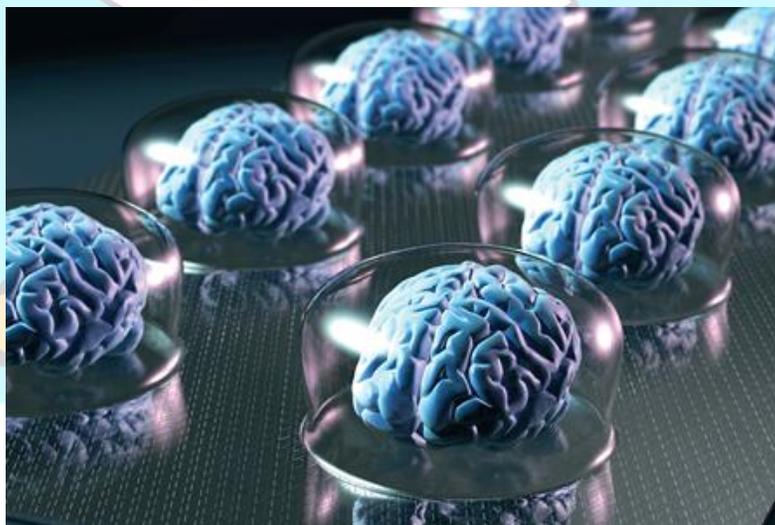
**Na contramão das** chamadas teorias "construcionistas" da realidade, para a qual o "real" é resultado da interação simbólica entre indivíduos, o professor canadense Ian Hacking propõe uma visão mais complexa dos fenômenos humanos. Em *The social construction of what?*, publicado pela Universidade de Harvard em 1999 e ainda sem tradução no Brasil, ele critica o que considera um uso exagerado da ideia de "construção". Nessa esteira da proposta fenomenológica de pensar o mundo real como um conjunto de relações, inúmeros trabalhos passaram a discutir a "construção social" de alguma coisa - Hacking enumera 24, incluindo "perigo", "emoções" e até mesmo "quarks". Sse, por um lado, essa abordagem ajuda a perceber que a realidade humana não é fixa e inevitável, por outro, isso deixa de lado o componente "natural" de alguns fatos, ações e práticas humanas.

O problema é que, quando aproximamos a lente da existência individual, essas fronteiras tornam-se menos nítidas. O "todo mundo", fartamente utilizado no parágrafo anterior, dá lugar ao indivíduo e à complexidade das ações individuais. Se é possível jogar com as palavras, sabe-se perfeitamente o que é normal ou anormal até o problema ser pensado em termos particulares.

Por exemplo, é considerado normal que uma pessoa colecionasse miniaturas de carros esportivos. Mas seria normal, digamos, colecionar tomadas antigas ou caixas de chá? O número de colecionadores de chá é consideravelmente menor que o de miniaturas de carros, mas essa diferença quantitativa implica decidir, qualitativamente, que uma prática é normal e a outra não?

A maneira como alguém age no cotidiano está ligada à percepção da realidade que a pessoa tem. A partir do retrato que fazemos de uma determinada situação, definimos como agir, o que fazer, quais serão nossas ações. Existe uma relação aparentemente direta entre o conhecimento que temos da realidade e nossas ações dentro dessa realidade.

Quando se pensa em termos de interação, a pergunta não é se a realidade existe ou não, se vivemos em um mundo real ou em um reflexo do mundo das ideias, se há um mundo objetivo ou não. A questão, nesse caso, não é "o que é o mundo real?", mas, partindo do princípio de que esse mundo existe nas relações de intersubjetividade, seria o caso de fazer uma modificação para se perguntar "qual é o mundo real que eu conheço?". Esse tipo de questionamento aproxima-se mais da perspectiva deste texto, partindo do pressuposto de que essa realidade, construída nas representações a partir da interação entre os seres humanos, pode também ser alterada, modificada e reconstruída na medida em que essas representações também podem ser modificadas - se é humano, é histórico; se tem uma história, significa que foi feito e, portanto, pode ser desfeito, alterado, transformado.



**Segundo Searle provoca a pensar que, se as experiências são impulsos elétricos que vão dos sentidos ao cérebro, poderíamos ser cérebros flutuando em uma cuba estimulados por eletrodos**

Se acredito que uma determinada situação é perigosa, por exemplo, há uma tendência a que se tome mais cuidado. Não há, aqui, nenhum determinismo: nada impede que uma pessoa faça exatamente o contrário. É preciso, desde o início, deixar clara uma diferença da qual nos lembra Pierre Bourdieu entre regra e regularidade: se, por um lado, é muito difícil falarmos em "regras" dentro de uma sociedade, mais ainda em "leis" do comportamento humano, por outro lado é possível identificar algumas regularidades e tendências na ação das pessoas, sem que isso, em absoluto, signifique a obediência a leis ou regras. A História e a Literatura estão forradas de exemplos dessa relação entre conhecimento e Ética, momentos nos quais uma determinada visão de mundo desencadeou uma série de ações contra determinados grupos. Para citar apenas um, em O rabi de Bacherach, por exemplo, o escritor alemão Heirich Heine conta de que maneira uma arraigada visão antisemita do início da Modernidade dá origem a uma série de padecimentos de uma pequena comunidade judaica no interior da Alemanha. O problema cognitivo da explicação da realidade toma a forma de um problema ético na conduta para com o outro. Algo que diz respeito a uma variada gama de relações humanas - do confronto entre povos e nações até uma visita à padaria.



**LUÍS MAURO MARTINO** é doutor em Ciências Sociais pela PUC/SP. Pesquisador bolsista na Universidade de East Anglia (2008) e autor de Teoria da Comunicação (editora Vozes) e Comunicação & Identidade (editora Paulus), entre outros. **Revista Filosofia, maio de 2011.**

## Considerações sobre novos desejos (CONTARDO CALLIGARIS)

**UM JOVEM** não sabe o que ele está a fim de fazer da vida, e os pais pedem que eu descubra qual é o desejo do filho, de modo que ele possa escolher o vestibular e a profissão que ele "realmente" gostaria. Na mesma semana, encontro um adulto que acha que, de fato, nunca fez nada por desejo. Embora bem-sucedido, queixa-se de que suas escolhas (profissionais e amorosas) sempre teriam sido circunstanciais, efeitos de oportunidades encontradas ao longo do caminho. Ele pede, antes que seja tarde, que eu o ajude a descobrir qual é "realmente" o seu desejo.

Nos dois casos, o pressuposto é o mesmo: quem viver segundo seu desejo será, no mínimo, mais alegre. Esta é mesmo uma boa definição da alegria: a sensação de que nosso desejo está engajado no que estamos fazendo, ou seja, de que nossa vida não acontece por inércia e obrigação. Inversa e logicamente, muitos estimam dever sua (grande ou pequena) infelicidade ao fato de terem dirigido a vida por caminhos que - eles declaram - não eram exatamente os que eles queriam.

Pois bem, esse pressuposto e os pedidos que recebi se chocam com esta constatação: o "nosso desejo" nunca é UM desejo definido por UM objeto ou por UM projeto. Não existe, nem escrito lá no fundo escondido de nossa mente, UM querer definido, que poderíamos descobrir e, logo, praticar com afinco e satisfação porque estaríamos fazendo aquela coisa ou caçando aquele objeto aos quais éramos, por assim dizer, destinados. Nada disso: de uma certa forma, todos os objetos e os projetos se valem, e nenhum é "nosso" objeto ou projeto específico. Ou seja, nós desejamos sempre segundo as circunstâncias, os encontros, as oportunidades - segundo as tentações, se você preferir.

Somos volúveis? Nem tanto, pois cada objeto e projeto não substitui necessariamente o anterior. O que acontece é que desejar é uma atividade inventiva a jato contínuo. Por consequência, mesmo quando estamos alegremente convencidos de estar fazendo o que queremos com nossa vida, nunca estamos ao abrigo do surgimento de desejos novos.

Claro, podemos aceitar esses desejos novos. Por exemplo, em "As Confissões de Schmidt" (que não é um grande filme), de A. Payne, com Jack Nicholson, o protagonista acorda de noite, olha para sua mulher de sei lá quantos anos e se pergunta estupefato: "Quem é esta mulher que dorme na minha cama?". Logo, ele dá um rumo novo à sua vida, colocando o pé na estrada. Mas a expressão de seus novos desejos é fortemente facilitada por duas circunstâncias: providencialmente, o protagonista se aposenta e fica viúvo. Nessas condições, escutar novos desejos fica fácil, não é?

Agora, imaginemos alguém que esteja no meio de sua vida profissional e num bom momento de sua vida amorosa. Nesse caso, provavelmente, o novo desejo será silenciado, reprimido, menosprezado ("deixe para lá, é besteira"). Resultado: o indivíduo continuará declarando que está vivendo a vida que ele queria (e, em parte, será verdade); só que, de repente, sem entender por quê, ele perderá sua alegria. Por que razão nosso indivíduo negligenciaria seus novos desejos? Simples: por serem novos, eles acarretam a ameaça de uma ruptura no presente: afetos e laços que poderiam ser perdidos, medo da solidão e preguiça dos esforços necessários para reinventar a vida.

Infelizmente, essa negligência tem um custo alto. Sempre entendi assim a "Metamorfose", de Kafka:

alguém acorda, e o que até então era uma vida normal e legal, de repente, aos seus olhos, é uma vida de barata.

Nota útil para a clínica da depressão. Às vezes, procuramos em vão as causas de uma depressão; será que houve lutos ou perdas? Nada disso; está tudo bem, trabalho, família, filhos e tal, mas o indivíduo entristece, volta a fumar e a beber como se quisesse encurtar a vida, engorda como se estivesse num mar de frustração e precisasse de gratificações alternativas.

Em muitas dessas vezes, a origem da depressão não é uma perda, nem propriamente uma frustração, mas a aparição de um desejo novo que não foi reconhecido. E os novos desejos, sobretudo quando são silenciados, desvalorizam a vida que estamos vivendo.

Moral da fábula: 1) Não existem vidas definitivamente resolvidas, pois novos desejos surgem sempre; 2) É bom reconhecer os novos desejos, mesmo que deixemos de realizá-los.

**[ccalligari@uol.com.br](mailto:ccalligari@uol.com.br) - Folha de São Paulo, maio de 2011.**



*Lucas Rocha*